

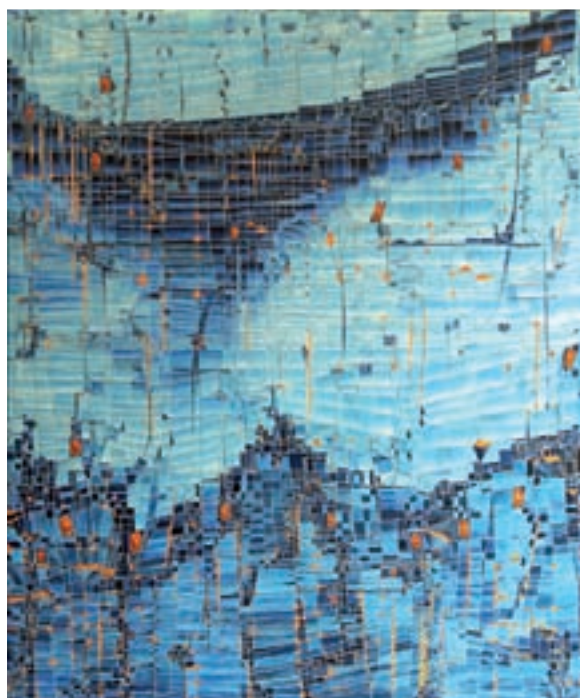
Clara Sarmento (Coord.)

Centro de Estudos Interculturais (CEI)

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP)

Diálogos **Interculturais**

Os Novos Rumos da Viagem



VidaEconómica

ÍNDICE GERAL

Introdução	9
------------------	---

I. REPRESENTAÇÕES INTERCULTURAIS

- <i>A Lady's Visit to Manilla and Japan: Género, Viagem e Representações Interculturais</i>	37
Clara Sarmento	
- Morte em Lisboa: <i>Afirma Pereirade</i> Antonio Tabuchi	59
Dalila Silva Lopes	
- Representações de Portugal com Testemunhos de Celebridades: Versões da Cultura Portuguesa numa Campanha Publicitária.....	75
Elsa Simões Lucas Freitas	
- Velhas Vozes e Novos Lugares: O Diálogo entre a Cultura Portuguesa e Norte-Americana numa Viagem de Eugénio de Andrade	83
João de Mancelos	
- A Casa como Enunciado: Narrações de Origem entre os Bunak – Bobonaro, Timor-Leste.....	91
Lúcio Manuel Gomes de Sousa	
- A Cultura como Tradução: Exercícios Etnográficos em Diálogo	105
Paulo Castro Seixas • Luís Vale • Jorge Morais Sarmento	
- Representações de Portugal: Um Confronto Intercultural.....	121
Pedro Martins	
- Estereótipos Regionais e Usos da Cultura Popular: O Ribatejo e os Campinos	137
Pedro Silva Sena	
- “Speaking Portuguese and writing English”: Representações de Portugal na obra de Robert Southey	143
Maria Zulmira Castanheira	

II. AS LINGUAGENS DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

- A Marca Cultural Portuguesa no Quoc Ngur, a Língua. Nacional Vietnamita..... 155
Alcindo Costa
- A Guerra das Palavras: O Paralelismo Lexical no Discurso Ritual Fataluku..... 169
Aone Van Engelenhoven
- A Outra Florbela Espanca: Reflexões sobre a Prosa Romanesca
e Ficcional Traduzida 181
Chris Gerry • José Eduardo Reis
- A Língua. como Espaço de ‘Brinciação’ em Mia Couto..... 203
Cristina Ferreira Pinto
- O Infinitivo Pessoal e os seus Equivalentes na Língua. Alemã..... 215
Katrin Herget
- Primeiras Vanguardas e Metrópoles: A Estética Cultural Migratória
e os Cenários Transculturais em Berlim e Londres 225
Manuela Veloso
- Português Funcional 239
Monica Rector
- Correspondência(s) Mécia e Jorge de Sena:
Rede de Afectos e Exílio Luso-Americano 249
Maria Otília Pereira Lage
- Orações Subordinadas em Alemão e sua Tradução para Língua. Portuguesa..... 267
Teresa Alegre
- Portfolio Intercultural Communication through Using Real Experiences 285
Tom Grigg

III. GLOBALIZAÇÃO E HISTÓRIA INTERCULTURAL

- A Responsabilidade Social da Empresa Cooperativa:
Uma Análise Jurídica e Intercultural..... 293
Deolinda Aparício Meira
- Rey ou l’Impact Mitigé d’un Site Archéologique Iranien 307
Esfandiar Esfandi • Afsaneh Pourmazaheri
- Elite Colonial Feminina e Cultura Africana em Moçambique
no Final do Antigo Regime..... 315
Eugénia Rodrigues
- A Harmonização Fiscal Europeia 333
José de Campos Amorim

- France et Francophonie dans le Jeu et le Discours Inter&Multiculturels: Défis, Enjeux et Réticences	357
José Domingues de Almeida	
- História e Interculturalidade: Novas Identidades e Memórias Culturais.....	365
José Manuel Pereira	
- Diversidade Linguística e Integração Europeia.....	377
Luísa Verdelho Alves	
- Tráficos Interculturais: A Racialização da Escravatura e o Ordenamento Jurídico Português.....	391
Margarida Seixas	
- A Expansão Portuguesa e a Construção da Globalização	411
Maria de Deus Manso	
- O Casamento na Legislação Republicana: Uma Perspectiva Intercultural das Desigualdades Conjugais	417
Míriam Afonso Brigas	
- Os Irmãos, a Viagem e o Livro: Topologias da Cultura em Timor-Leste.....	433
Paulo Castro Seixas	
- Intercul + Turismo	449
Susana Ribeiro	
Bibliografia Geral	461
Sobre os Autores	493
ÍndiceR emissivo.....	499

INTRODUÇÃO

Diálogos Interculturais: Os Novos Rumos da Viagem é um título simultaneamente ambíguo e claro, tão original e fértil em significados potenciais, como previsível e estéril na forma como estes são tantas vezes explorados. O termo ‘intercultural’ proporciona uma infinidade de interpretações e assim entrou na moda. A ‘interculturalidade’ evoca uma reunião de autores de origens mais ou menos exóticas, com um passado colonial nem sempre bem resolvido, de preferência com um nome invulgar e vestes a condizer. De uma publicação ‘intercultural’, em autoria e conteúdo, espera-se que verse temas polémicos e origine textos plenos de verbos modais. O termo ‘viagem’, esse então pode abranger por definição todo o globo e mais além. Mas, no caso presente, trata-se d’*A Viagem*, uma viagem com artigo definido e com *Novos Rumos*. Desenha-se uma tarefa duplamente difícil, não só na ‘novidade’ que propõe, mas também na pesada herança que uma edição portuguesa assim intitulada necessariamente recebe, tendo em conta o passado histórico português, pleno de viagens pioneiras.

Impõe-se, logo à partida, uma definição conceptual. *Diálogos Interculturais: Os Novos Rumos da Viagem* opera com um conceito de interculturalidade enquanto mobilidade, trânsito, dinâmica entre culturas. Um conceito que justifica os movimentos de ida e de volta, de partida e de chegada, de emissão e de recepção implícitos nos *Diálogos* e na *Viagem* do título, e que convoca o auxílio da tradução cultural e da cartografia epistemológica. Estudam-se as causas, as características e implicações da dinâmica intercultural, em perpétuo movimento, sem fronteiras espaciais nem temporais, numa tão perigosa quanto estimulante indefinição de limites. Compare-se, sem qualquer (des)valorização ou hierarquia, a noção de ‘multiculturalidade’, enquanto espaço identificável, delimitado, onde coabitam diferentes culturas. O espaço multicultural será consequência do movimento intercultural e, como tal, será também aqui referido.

Qualquer discurso contemporâneo que verse a temática da interculturalidade insere-se numa realidade de novos destinos e de novos portos de chegada e de partida, que se cruzam e interiorizam na normalidade das práticas quotidianas. O Portugal do século XXI é um país em trânsito constante, de chegada e de partida, migrante, emigrante e imigrante. Mas a viagem mais atribulada de Portugal, uma viagem que ainda rumo ao desconhecido, continua a ser aquela que Portugal fez-faz-fará dentro de si próprio, no

interior do seu território geográfico e mental. Eduardo Lourenço e José Gil¹ traçaram já alguns mapas possíveis para o labirinto dos fantasmas portugueses, um território talvez não tão assombrado como o d'*Os Fantasmas de Espanha*², mas suficientemente complexo para requerer uma Ariadne perita em traumas silenciados, complexos diversos (com Édipo em lugar cimeiro), depressões colectivas, ilusões fugazes e decepções perenes. Um labirinto cuja complexidade se adensa na sua materialidade concreta – característica que não é propriamente negativa – quando se percebe Portugal como o mosaico de micro-regiões geográficas e culturais que na verdade é: “ (...) o *dentro de casa*, em Portugal, continua a ser um dentro de casa que tem uma geografia que nunca mais acaba. E isso é um privilégio que autores de língua inglesa, de língua francesa, de língua espanhola sugam até ao tutano e que nós ainda sugámos muito pouco. Quem tem feito esse trabalho, e bem, são autores considerados da periferia geográfica: é o Agualusa, é o Mia. São pessoas de *fora de casa*, quando a casa é comum”³.

A definição da multiplicidade cultural de Portugal – e a conseqüente premência dos estudos interculturais realizados em Portugal ou sobre Portugal e os territórios da lusofonia – pode ser metaforizada nesta breve passagem. A cena desenrola-se nos arredores de Portel, castelo à vista, junto a uma das capelas da ‘Rota do Fresco’ alentejano. Um grupo de participantes num congresso de Estudos Culturais (cuja definição e prática nem sempre coincidiram) acaba de confluir por engano no cemitério adjacente à capela. Inicia-se uma inesperada visita turística pelas campas e jazigos do local, ou seja, pelos objectos e textos de uma peculiar interpretação cultural da morte e seus rituais. No diálogo que se gera, algumas vozes admitem a sua quase total ignorância sobre Portugal. Uma indiana e um belga questionam uma portuguesa. Juntam-se-lhes duas coreanas que acabavam de fotografar fascinadas um rebanho de ovelhas que atravessara a estrada. Mais duas turcas, um bengali, quatro americanos, uma russa, um japonês. O diálogo transforma-se numa palestra informal sobre Portugal de relance (sem os preconceitos de Maria Rattazzi⁴), e a estranheza do local – nada mais democrático e indiferente a títulos académicos do que a morte – liberta as confissões de desconhecimento e fascínio. Descrevem-se brevemente as regiões e suas características, tentando fintar o fantasma de Jorge Dias⁵: os diferentes interiores e os diferentes litorais; as montanhas verdes, áridas ou carbonizadas; as cidades e o êxodo rural; a capital, o Algarve e o resto; norte e sul; Trás-os-Montes e Alentejo; as tradições inventadas e as genuínas; as ilhas e os condomínios⁶; as fábricas do desemprego e os *shoppings* do sobre-individamento; a avó analfabeta do jovem doutorado; os arquipélagos sempre esquecidos; e alguém pergunta:

1. Ver: Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Gradiva, 2004 [1978] e José Gil, *Portugal Hoje: O Medo de Existir*, Lisboa, Relógio d’Água, 2004.

2. Giles Tremlett, *Os Fantasmas de Espanha: Viagens pelo Presente Escondido de um País*, trad. Maria Mendes, Lisboa, Alêtheia Editores, 2008 [2006].

3. Entrevista a Pedro Rosa Mendes, *Revista LER*, nº 81, Junho 2009, p. 40.

4. Maria Rattazzi, *Portugal de Relance*, trad. anónimo, Lisboa, Antígona, 1997.

5. Ver: Jorge Dias, “Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa”, *Ensaios Emológicos*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961, pp. 97-119.

6. Obra pioneira de Paulo Castro Seixas, *Entre Manchester e Los Angeles: Ilhas e Novos Condomínios no Porto. Paradigmas Sócio-Espaciais, Políticas da Diferença e Estruturas Antropológicas Urbanas*, Porto, edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

“Mas tudo isso só em Portugal?” E nem sequer se mencionou a questão (pós-)colonial, o mito ideológico das províncias ultramarinas. “Mas afinal que área tem este país?” Quase se receia que surja a anedótica confusão com uma província da imensa Espanha. E então a portuguesa compreende a cegueira que persiste “*dentro de casa*” sobre a multiplicidade cultural do próprio país, sobre a riquíssima inter e intraculturalidade de Portugal, sobre as infinitas hipóteses de investigação latentes no seu território.

Na interculturalidade contemporânea, tanto em Portugal como em qualquer outro ponto do globo, (re)construem-se continuamente novas identidades – se é que alguma vez existiu uma ‘velha’ identidade imutável ou uma identidade inequívoca. Navega-se na internet e vulgariza-se a viagem para destinos cada vez menos exóticos porque cada vez mais acessíveis, destinos que apenas mantêm o seu exotismo no discurso publicitário ou na narrativa do turista (e já não do viajante) regressado. A interculturalidade do quotidiano exemplifica-se nas *mailing lists*, no *Facebook* ou no *Hi-5* de qualquer utilizador; no equipamento desportivo britânico fabricado no Uzbequistão; na sala de aulas da era Erasmus. As diversas vertentes da interculturalidade comodificam-se, fundem-se no dia-a-dia, tomam novos rumos, mesmo sem sair de casa. Há também novas vozes que se fazem ouvir no diálogo intercultural e que adquirem credibilidade, como fontes de estudo até há pouco ignoradas ou marginais: as vozes das mulheres; das narrativas esquecidas do passado que foi tão intercultural como o presente (o que é o colonialismo senão uma interculturalidade perversa?); da publicidade global; das narrativas orais; da ficção; da epistolografia e dos diários; da legislação comunitária; da etnografia; dos movimentos artísticos; das novas pedagogias e tecnologias. Mas esta polifonia de culturas é também passível de gerar novos conflitos, que transitam do extraordinário narrado em livros e noticiado nos media para as interações banais do quotidiano comum.

“Será então possível localizarmo-nos historicamente, contar uma história global coerente, quando a realidade histórica é na verdade uma série inacabada de encontros? Que atitudes de tacto, receptividade e auto-ironia conduzirão a compreensões não reducionistas? Quais são as condições para uma tradução séria entre diferentes rumos, numa modernidade inter-relacionada mas não homogénea?”. Esta série de desafios, traduzidos livremente da Introdução de James Clifford a *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*⁷, motivou o presente projecto.

Diálogos Interculturais: Os Novos Rumos da Viagem focaliza áreas inéditas e efectivamente interculturais, ao congregar autores provenientes de múltiplas nacionalidades e dos mais diversos contextos académicos, para assim cruzar temas por tradição estanques. De forma pouco usual, este livro ruma pelos campos do saber da Literatura, do Direito, da Linguística, da Didáctica e do Turismo, pois todas estas áreas disciplinares fornecem textos passíveis de funcionar como roteiros para a viagem que se propõe. *Diálogos Interculturais* utiliza estruturas teóricas vigentes no panorama científico internacional (tal como as estruturas teóricas dos Estudos Culturais e dos Media ou

7. James Clifford, *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge and London, Harvard University Press, 1999 [1997], p. 13.

as noções de ‘cultura como tradução’) para a análise de novas práticas ou de práticas tradicionalmente ignoradas pela academia mais conservadora. Comprova-se assim a dinâmica de investigadores portugueses e estrangeiros, que não receiam partir para novos destinos com o auxílio de mapas epistemológicos há muito ao serviço da investigação anglo-saxónica, aspirando a criar novos mapas alternativos, para orientação dos seus pares.

Com tais objectivos, e tendo presentes as propostas de James Clifford, este livro realiza viagens interculturais no espaço (entre o *aqui* e o *lá*), no tempo (entre o passado e o presente) e entre os diversos conceitos de cultura, que já Raymond Williams dizia ser uma das palavras mais complexas da língua inglesa. Uma obra intercultural coordena necessariamente as leituras plurais do conceito de ‘cultura’, incluindo desde a cultura popular, a cultura de massas e as definições sócio-simbólicas de cultura, até à cultura erudita, académica e institucional. Cruza-se assim a primeira grande fronteira da viagem intercultural – a fronteira da própria noção de cultura – de modo a evitar o estereótipo do intercultural como um mero ‘nós’ & ‘outros’, bem como o erro basilar de uma interculturalidade que ignora a diversidade e dinâmica contidas na própria definição. Em termos metodológicos, *Diálogos Interculturais* cria ainda um diálogo interdisciplinar entre áreas tradicionalmente de costas voltadas, como nos pares quase dicotómicos Economia-Antropologia, Direito-Linguística ou História-Literatura. Para ser coerente, *Os Novos Rumos da Viagem* inclui contribuições dos mais diversos quadrantes e nacionalidades, pois este projecto também é intercultural na fonte, no sujeito das suas proposições, e não apenas nos objectos de estudo. Aqui se cruzam as culturas próprias de investigadores do ensino superior politécnico e universitário; técnicos de turismo e escritores; juristas e bibliotecários; nativos e migrantes; ocidentais e orientais; jovens e mais experientes; docentes de diversos níveis de ensino e discentes de pós-graduações; do norte e do sul; do ocidente e do oriente. Porque a viagem intercultural académica pode (e deve) gerar roteiros universalmente legíveis, sem ter necessariamente de se perder nos labirintos do hermetismo erudito.

Tomando como ponto de partida que a cultura, mais do que um conjunto de produtos, é um processo, um conjunto de práticas e intercâmbios de significados entre os membros de um grupo ou sociedade, conclui-se que, quando dois indivíduos pertencem à mesma cultura, é como se interpretassem o mundo e os acontecimentos em seu redor de forma semelhante – mas não necessariamente idêntica – e se exprimissem de um modo que lhes permite uma mútua compreensão. A importância dos significados comuns não impede que em qualquer cultura exista uma grande diversidade no modo como se interpreta ou representa qualquer tópico. A noção de cultura implica concomitantemente sentimentos e ligações afectivas, tanto quanto conceitos e ideias. A imagem de um indivíduo, por exemplo, exprime a sua identidade, emoções e pertenças, através de códigos que podem ser lidos e compreendidos pelos demais, mesmo que esse processo de emissão/recepção não seja intencional nem facilmente explicável pelos seus intervenientes. Acima de tudo, os códigos culturais organizam e regulam as práticas sociais, influenciam condutas e, por consequência, têm efeitos pragmáticos muito reais.

Os significados de um objecto advêm da forma como os agentes de uma cultura o representam: as palavras que sobre ele dizem; as histórias que contam a propósito;

as imagens que lhe associam; as emoções, categorias e valores que lhe conferem. O que sucede, então, quando a compreensão sempre algo parcial e subjectiva do diálogo cultural se torna predominantemente parcial e subjectiva? Ou quando a descodificação funciona de modo antagónico ou, pelo menos, demasiadamente distante para que se gere uma efectiva comunicação? E, ainda mais importante para este projecto, quando os agentes em diálogo pertencem a culturas distantes, com as suas parafrenálias de símbolos mutuamente ininteligíveis? Somam-se aqui as principais dificuldades do diálogo intra e intercultural, e também os seus maiores desafios. As representações generalizadas e infundadas de um qualquer ‘outro’, sustentadas num conhecimento superficial, redundam facilmente em estereótipos, positivos ou negativos, que exercem um grande poder sobre as práticas e experiências concretas dos indivíduos, quando confrontados com esse ‘outro’ ou quando identificados como ‘outro’, respectivamente. A génese de uma reflexão não-elitista, não-colonialista, não-hegemónica sobre a interculturalidade (quase classificável como uma reflexão de contracultura, tal é o poder das ideologias dominantes) pode ser associada a indivíduos inconformistas, excepcionais, microcosmos humanos que são motores de mudança, muitas vezes dentro de uma aparente continuidade. Nesta obra, são disso exemplo personagens e personalidades como Florbela Espanca, Anna d’Almeida, o “Pereira” de Tabucchi, Jorge e Mécia de Sena, Mia Couto ou Robert Southey.

A abrir a secção dedicada às “Representações Interculturais”, o ensaio “*A Lady’s Visit to Manilla and Japan: Género, Viagem e Representações Interculturais*” analisa a escrita feminina ocidental no contexto do diálogo entre culturas, em particular as imagens que uma viajante (ou já uma turista?) inglesa do século XIX compõe a partir dos seus contactos efémeros com diversos espaços e práticas orientais. A autora, Anna D’Almeida, viajou pelo Extremo Oriente entre Março e Julho de 1862. O título *A Lady’s Visit to Manilla and Japan* induz em erro, pois a narrativa inclui também descrições de Macau, Hong Kong, Singapura, Xangai, Nagasaki, Yokohama e Cantão, entre outros destinos, atestando o profundo desejo da família D’Almeida de explorar *in loco* todas as potencialidades dos países visitados. As diferenças e similitudes das vivências femininas em pontos tão díspares do globo permitem a análise de variáveis de classe, raça, nacionalidade e religião, e sua influência nas representações assim construídas. Ao longo de *A Lady’s Visit*, o preconceito etnocêntrico europeu considera a mulher não-ocidental como um ser exótico, que representa tudo aquilo que a escritora vitoriana não é. Contudo, esta imagem quase antitética pode também incluir congéneres geograficamente próximas, mas insanavelmente distanciadas por outros tantos critérios de moral, classe e religião, ou seja, por clivagens irremediáveis dentro da própria cultura ocidental. Este desafio aos estudos interculturais e de género é aqui lançado por mão da narrativa de viagens da jovem aristocrata Anna D’Almeida, ela própria membro de uma família onde as alianças interculturais se evidenciam no nome da autora-personagem.

Um diário de viagens pode ser tão ficcional quanto uma narrativa assumidamente imaginária. E não é menos verdade que uma obra de ficção pode fornecer pistas fidedignas para a leitura intercultural da chamada ‘realidade’. Por isso, “Morte em Lisboa:

Afirma Pereira de Antonio Tabucchi” viaja por tempos não muito distantes do espaço português, como parte de uma pesquisa mais vasta das representações de Portugal na ficção internacional. O italiano Antonio Tabucchi descreve o Portugal fascista de 1938 no seu romance *Afirma Pereira*, cujo sub-título *Um Testemunho* lança dúvidas no leitor sobre a verdadeira identidade das personagens e factos narrados. *Afirma Pereira* encontra-se, de facto, firmemente ancorado em locais e momentos facilmente identificáveis na História recente e envolve uma complexa rede de referências culturais que criam um quadro abrangente do Portugal (sempre metaforizado na onipotente capital) daquele Verão em tudo sufocante de finais da década de 30.

O profundo conhecimento e as vivências em que Tabucchi consubstancia a sua predilecção por Portugal tem um antepassado proeminente na figura de Robert Southey (1774-1843), autor prolífico do Romantismo inglês, com uma obra que se reparte pela poesia, história, ensaio, biografia, cartas, relatos de viagens, crítica literária, comentário político e social, tradução e edição. “*Speaking Portuguese and writing English: Representações de Portugal na obra de Robert Southey*” parte da constatação que a influência de Southey extravaza os limites da cena literária e cultural do seu país, garantindo-lhe uma posição de relevo na história das relações anglo-portuguesas. A sua atracção pelo ‘outro’ e pelo exótico (categorias que raramente se associam ao Portugal europeu e contemporâneo) manifesta-se de um modo muito particular na atenção que dedicou a Portugal, país que visitou por duas vezes, em 1796 e 1800-1801, e que lhe sugeriu um longo programa de estudos e publicações. A ligação sentimental que estabeleceu com Portugal e o modo sistemático e pioneiro como trabalhou em prol da divulgação da história e da literatura portuguesas além-Mancha – difundindo uma imagem mais positiva deste então desconhecido país ibérico – fazem de Southey o primeiro lusófilo inglês, no diálogo intercultural luso-britânico.

O porto de chegada transforma-se em porto de partida e também um escritor português navega pelas possíveis representações do ‘outro’. “*Velhas Vozes e Novos Lugares: O Diálogo entre a Cultura Portuguesa e Norte-Americana numa viagem de Eugénio de Andrade*” descodifica um ‘outro’ aparentemente familiar – os Estados Unidos da América – como que num cordial *déjà-vu*, graças ao discurso hegemónico dos media. Em 1989, o poeta português Eugénio de Andrade, na companhia de Alexis Levitin, o seu tradutor norte-americano, empreenderam uma viagem de cinco semanas através dos Estados Unidos da América, de costa a costa, quais novos Sal Paradise e Dean Moriarty. O objectivo de Eugénio não era apenas conferenciar e divulgar o seu trabalho literário em universidades e outras instituições culturais, mas também visitar os locais de culto onde viveram alguns dos seus escritores favoritos. Desse misto de viagem e peregrinação resultou uma curiosa comparação entre culturas, modos de viver e literaturas, que Eugénio de Andrade registou em diversas crónicas, coligidas no volume *À Sombra da Memória* (1993), e que também refere numa entrevista publicada em *Rosto Precário* (1995). Por sua vez, Levitin anotou, num artigo de carácter diarístico intitulado “*Eugénio On the Road*”, a visão de um poeta que transformou a página num espaço de contacto intercultural entre Portugal e os Estados Unidos.

Na sua diversidade (uma inglesa no oriente; um italiano moderno e um inglês romântico em Portugal; um português na América), estes diálogos interculturais comprovam a ambivalência das suas leituras e a impossibilidade de um paralelismo perfeito entre os diversos interlocutores e códigos intervenientes. Será então necessário recorrer a um mediador de códigos culturais, a um tradutor? Conceitos tão abrangentes, comparativos e abertos como o da própria ‘interculturalidade’ são, parafraseando o pensamento de James Clifford, traduções construídas a partir de equivalências imperfeitas, que privilegiam determinados originais e destinam-se a audiências específicas⁸. A viagem intercultural pode ser traduzida em múltiplas experiências, como a diáspora, a fronteira, a (e/i)migração, o turismo, a peregrinação ou o exílio. Porque as identidades não são fixas, porque os territórios culturais proporcionam encontros e diálogos complexos e difíceis, não existe uma solução de consenso nem de valor universal: existe apenas mais tradução.

“A Cultura como Tradução: Exercícios Etnográficos em Diálogo” discute a ideia de tradução cultural como modelo e metáfora da contemporaneidade, enquanto comunicação transbordante. Traz à luz conceitos centrais da tradução cultural (como as noções de fronteira ou limite; zona de contacto; terceiro espaço; hibridismo; creoulização; *scapes*; fluxos; indigenação) e articula-os com três contextos etnográficos portugueses: as nomeadas transmontanas; a comunicação urbana na cidade do Porto; a literacia informática, os utilizadores e os *hackers*, com vista à compreensão das diversas estratégias da tradução intra e intercultural, em cada um dos contextos em causa. Por fim, coloca a hipótese de uma formação de configurações prismáticas sobrepostas, na qual todas as formas de tradução cultural coexistem, ainda que com diferentes relevâncias, dependendo do lugar e do olhar.

Outros lugares requerem olhares atentos à forma como a cultura se traduz em práticas, categorias e palavras, tanto no interior da comunidade como na tradução posterior que o antropólogo transporta para a sua própria comunidade de leitores. “A Casa como Enunciado: Narrações de Origem entre os Bunak – Bobonaro, Timor-Leste” nasce precisamente de um trabalho de campo etnográfico desenvolvido entre 2003 e 2006 nas montanhas de Bobonaro, junto de uma comunidade Bunak, um dos grupos etnolinguísticos de Timor-Leste, através da participação em rituais e da recolha de narrações mitológicas. Vários estudos chamaram a atenção para a forma como, em Timor-Leste, as diversas comunidades integraram os ‘outros’ nas suas narrativas de origem, e de como esta tradução serviu para definir e compreender os papéis e as funções sociais dos vários grupos em presença no passado e no presente. “A Casa como Enunciado” analisa como os ‘outros’ são descritos nas narrativas de origem dos Bunak e como este facto é determinante na identidade da comunidade, relevando-se a pertinência da memória oral enquanto veículo de poder e de afirmação pessoal, social e comunitária. Para o efeito, analisam-se os vários tipos de discurso da memória oral e, em particular, a oratura em paralelismo ou linguagem diádica, bem como os contextos rituais da sua exposição, transmissão e negociação. Os Bunak possuem uma literatura oral vasta e

8. James Clifford, *Routes: Travel and Translation*, pp. 11 e segs.

diversificada, da qual se destacam a história do caminho dos antepassados – *Bei Gua* –, da comunidade, das Casas ou dos seres vegetais e animais. Este saber é confiado à memória dos *lal gomo* – senhores da palavra –, que ocupam uma posição fulcral na transmissão e perpetuação da história oral e da identidade comum.

A viagem intercultural ruma ao mais difícil dos portos, o de chegada, recordando o episódio do cemitério de Portel. O texto etnográfico pode ser encarado como uma construção narrativa de carácter interpretativo e ficcional, que Clifford Geertz fundamenta num percurso mental marcado por encontros prévios com outras construções semelhantes ou com consciências (in)formadas por essas construções. Tal percurso influencia também o papel que a construção narrativa desempenha junto dos indivíduos ou grupos distantes no espaço e/ou no tempo da matriz social que a gerou. O relativismo cultural e histórico argumenta que nunca poderemos captar a mentalidade de outros seres humanos ou de outros períodos como se fosse a nossa própria mentalidade. No entanto, poderemos apreendê-la suficientemente bem, pelo menos tão bem como apreendemos qualquer coisa que nos é estranha, se a observarmos reflectindo sobre os preconceitos que estão, nesse momento, a interferir na nossa visão, sem tentar ignorar ou contornar a existência desses mesmos preconceitos⁹.

A antropologia interpretativa de Clifford Geertz relaciona-se estreitamente com a meta-antropologia textual de James Clifford, cujo tema central tem sido a construção textual da autoridade, estabelecida pela verbalização da experiência do terreno, espaço narrativo onde se joga a identidade do indivíduo e do grupo, constrói-se a ordem vigente e coexistem estreitamente cultura e poder. Para James Clifford, a descrição etnográfica inscreve-se no contexto da rede de poderes da sociedade do etnógrafo, pelo que propõe o princípio do diálogo igualitário entre este e os indivíduos em estudo, ao invés da descrição objectiva do outro, longínquo e politicamente equívoco.

Tal como Bakhtin demonstrou a propósito do romance, os processos dialógicos proliferam em qualquer espaço discursivo complexo, onde muitas vozes clamam por expressão¹⁰. A pluralidade vocal dos informantes citados ou parafraseados está submetida nas narrativas etno-antropológicas tradicionais à voz singular da autoridade observadora. Uma vez reconhecida a polifonia enquanto modo de produção textual, o monólogo de autor é questionado e revela-se característico de uma ciência que se assume como representante das culturas estudadas. Daqui se infere a impossibilidade de uma aproximação completamente neutra ou definitiva. Não sendo a cultura um objecto que se descreve simplesmente, não será também um conjunto unificado de símbolos e de significados inequivocamente interpretáveis. A cultura é contestável, variável e inconstante e nesta mutabilidade incluem-se as representações e explicações de participantes e observadores.

“Estereótipos Regionais e Usos de Cultura Popular: O Ribatejo e os Campinos” baseia-se numa etnografia multi-situada e numa análise diacrónica para abordar a

9. Clifford Geertz, *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*, London, Fontana Press, 1993 [1983].

10. Mikhail Bakhtin, “Discourse in the Novel” in Michael Holquist (ed.), *The Dialogical Imagination*, Austin, University of Texas Press, 1981, pp. 259-442.

história social das representações e das práticas em torno dos ‘campinos ribatejanos’ e os modos através dos quais estas foram patrimonializadas e ‘turistificadas’. No Ribatejo, as feiras, os festivais e as festas locais, envolvem com frequência exibições e evocações de campinos, os pastores de gado bovino bravo celebrados na literatura, nas artes plásticas e no cinema, e transformados em símbolo da região e num dos ícones do país. Os campinos, quase sempre retratados sobre a sua montada, desde Silva Porto e Carlos Relvas, são comumente apresentados enquanto figuras viris, heróicas, crenes e abnegadas, sobre as quais é difícil encontrar uma imagem negativa nos meios de comunicação, na literatura, nos guias turísticos, ou nos estudos etnográficos, históricos e geográficos. É no período que decorre entre meados do século XIX e meados do século XX que as representações acerca dos campinos são construídas, difundidas e consolidadas, à medida que a cultura popular é objectificada, nacionalizada e regionalizada, por meio da produção erudita e de práticas como a invenção ideologicamente orientada do folclore, dos cortejos etnográficos e das exposições e congressos regionalistas. Mais recentemente, as representações e as práticas em torno dos campinos têm sido sujeitas a processos de patrimonialização e de ‘turistificação’, que os colocam – mais uma vez – no núcleo dos discursos sobre identidade local e regional.

Também “Representações de Portugal: Um Confronto Intercultural” questiona e debate de forma bipartida aspectos relacionados com a representação mediatizada (e muitas vezes estereotipada) da cultura portuguesa no espaço europeu, a partir de questionários realizados a falantes de português, italiano e alemão. Obtem-se assim uma perspectiva necessariamente parcelar do conceito de cultura portuguesa e dos pressupostos que subjazem ao diálogo e ao confronto intercultural, no âmbito das auto e hetero-representações da actual sociedade portuguesa, no interior e no exterior do território.

O estudo das representações massificadas de qualquer objecto ou prática cultural contemporânea não pode ficar indiferente a um tipo de discurso omnipresente na sociedade actual, quase tão hegemónico como qualquer outra ideologia, e veiculado até à exaustão por todos os meios, mais ou menos discretos: o discurso da publicidade e da sociedade do lucro & consumo. A publicidade tem sempre interesse em maximizar a utilização de qualquer estratégia que induza o estado de espírito desejado no seu público-alvo. Os testemunhos de celebridades, cujos efeitos podem ser variados e subjectivos (e perversos), são uma estratégia eficaz na transmissão de sentimentos que se pretendem associar ao produto anunciado. Testemunhos deste tipo no discurso publicitário multimédia fornecem pistas sobre a forma como um país se vê a si próprio e sobre quais dos seus nomes famosos corporizam os valores e comportamentos positivos que são idealmente associados aos cidadãos portugueses. “Representações de Portugal com Testemunhos de Celebridades: Versões da Cultura Portuguesa numa Campanha Publicitária” analisa alguns exemplos pouco usuais de utilização de testemunhos de celebridades numa campanha publicitária a um banco privado. De forma atípica, várias personalidades pertencentes à cultura dita de elite (o que exclui, na hierarquia portuguesa, o espectáculo de massas e o universo do futebol), mais propriamente às áreas da literatura, política e música tradicional, dissertam sobre a sua relação pessoal com

I

Representações Interculturais

A LADY'S VISIT TO MANILLA AND JAPAN: GÉNERO, VIAGEM E REPRESENTAÇÕES INTERCULTURAIS

Clara Sarmento

CEI - Centro de Estudos Interculturais
Instituto Superior de Contabilidade
e Administração do Porto

Introdução

*A Lady's Visit to Manilla and Japan*¹, de Anna D'Almeida (ou Anna D'A.), não oferece ao leitor a narrativa de um dos "Etonnants voyageurs! Quelles nobles histoires / Nous lisons dans vos yeux profonds comme les mers!", de *Les Fleurs du Mal* de Baudelaire. Nem tão-pouco o confronta com o relato característico de uma turista indolente, sobre a diversão convencional e o previsível choque moral experimentados durante o seu *grand tour*. Neste artigo, proponho-me analisar a escrita feminina ocidental no contexto dos encontros culturais proporcionados pelo turismo emergente de finais do século XIX, mais precisamente, as representações interculturais que uma viajante ocidental da época vitoriana cria a partir da sua breve exposição a diversos espaços e práticas da Ásia.

O conceito ocidental do 'eternamente oriental', conforme descrito por Edward Said e mais evidente em romances e relatos de viagens, pode ser encontrado ocasionalmente nas noções pré-concebidas e nas descrições imediatas do Extremo Oriente de Anna D'Almeida. Este conceito tende a ser inflexível, invariável e estático, tal como o é a essência de qualquer identidade, quando retratada através de estereótipos. A perpetuação destas imagens na literatura popular e no discurso político ocidental é uma manifestação da teoria de Said, que defende que os sujeitos dominados nunca falam sobre eles mesmos, as suas verdadeiras emoções, desejos ou histórias, e precisam de ser representados por alguém 'civilizado', que falará em seu nome. Ao estudar esta viajante ocidental, suas representações e percepções, traço os diferentes padrões utilizados para descrever o 'outro', neste caso, a cultura asiática e seus actores

1. Anna D'A. *A Lady's Visit to Manilla and Japan*. Londres: Hurst and Blacket, 1863. Encadernação em tecido vermelho, litografia colorida no frontispício (Nagasaki), 297 páginas. Todas as referências à obra são provenientes desta edição.

sociais. O estudo desta representação ocidental feminina do Extremo Oriente revela um processo multifacetado de formulação de imagens, que contribuiu para a criação de uma imagem comumente partilhada do Extremo Oriente e dos seus habitantes.

Este estudo de *A Lady's Visit to Manilla and Japan* tenta compreender as complexidades e tensões que existem dentro das (ou entre as) histórias e experiências interculturais vividas por mulheres. Ao examinar diferenças e semelhanças de género, podemos elaborar construções teóricas sobre a influência da classe, raça e religião na forma como entendemos a posição da mulher na cultura e na sociedade. O preconceito de classe da elite ocidental considera a mulher não-ocidental como alguém que representa tudo aquilo que o escritor ocasional não é. A questão da representação feminina das suas congéneres como 'mulheres-outras', com base numa ampla variedade de diferenças, é definitivamente um desafio para os estudos interculturais e de género contemporâneos.

Viagem e Biografia

A família D'Almeida – Anna, seu marido William Barrington D'Almeida e sua filha Rose – viajaram pelo Extremo Oriente entre Março e Julho de 1862. O título *A Lady's Visit to Manilla and Japan* induz em erro, pois Anna visitou muito mais do que apenas Manila e o Japão. A sua narrativa começa em Singapura e termina em Hong Kong, mas a família efectuou também paragens em Macau, Xangai, Nagasaki, Yokohama, Xiamen (Hokkien) e Cantão, entre outros lugares, atestando assim o profundo desejo dos D'Almeida de explorar *in loco* todas as potencialidades dos países visitados. Nas Filipinas, os D'Almeida e o seu grupo viajam de Manila até à Laguna de Bay, que atravessam em canoas nativas, parando nas aldeias de São Pedro de Binhan, Calamba, Santa Rosa, Pueplo e Cabujão. À medida que viajam para sul de Manila, também visitam o lago e o vulcão de Taal, e as montanhas de Maculot e Sungal. Fazem frequentes excursões de pesca em Macau. Viajam de Hong Kong para Xangai no S.S. *Pekin*, um vapor da P&O (Peninsular e Oriental), numa viagem de quatro dias pelo estreito de Taiwan e o Mar da China Oriental, até à foz do Yangtze. Uma vez no Japão, Anna descreve um passeio por Kanazawa e Kamakura, perto da Baía de Sagami, hoje em dia um destino de férias muito popular, com bonitas vistas do Monte Fuji. Em seguida, a família toma um navio de Nagasaki para Yokohama, ao longo do Suonada ou mar interior, passam o Estreito de Shimonoseki, com paragens ilha após ilha até chegarem ao Pacífico, a caminho da Baía de Edo, onde avistam o Fujiyama e, por fim, chegam a Yokohama. Para sua grande decepção, os D'Almeida são impedidos de visitar a vizinha capital Edo (Tokio), devido à súbita doença do seu anfitrião local, o ministro britânico. Na realidade, quando comparamos o título da narrativa com o grande número de destinos descritos no livro, constatamos que estes ocupam muitas mais páginas do que o simples "Japão", que é referido pela primeira vez no capítulo 8, de um total de doze capítulos. No entanto, no Prefácio do livro, Anna apenas menciona este país: "My little work which has no such ambitious aim, professes only to represent Japan and its people as they exist at the present moment. It contains an account of the various places which, during a cruise of some months in Japanese waters, I had the pleasure of visiting" (viii).

Os grandes progressos nas viagens a vapor verificados entre 1830 e 1850 não só reduziram em muito o tempo necessário à deslocação entre diferentes países, como

também proporcionaram algum conforto e segurança aos viajantes e reduziram a necessidade de um grande número de serviçais. Os capítulos sobre Manila são um dos poucos relatos em inglês da época, enquanto que a secção sobre o Japão oferece uma visão pioneira de um país que acabara de reabrir os seus portos ao Ocidente. Com efeito, em 1854, o Comodoro Perry havia alcançado um tratado histórico de paz e cooperação com o Shogun, que possibilitou o comércio entre a América e o Japão. Os portos de Shimoda e Hakodate foram abertos aos navios mercantes americanos e, em 1859, os portos de Yokohama e Nagasaki abriram também a outros estrangeiros². Uma vez que os portos japoneses haviam estado encerrados, excepto para alguns comerciantes holandeses e chineses, durante dois séculos, existem poucas descrições deste país, na sua maioria livros de funcionários da Companhia Holandesa da Índias Orientais, que eram os únicos representantes do Ocidente com permissão para operar no Japão. Estes livros eram familiares aos leitores cultos e à maioria daqueles que visitaram o Japão depois de 1859³. Desta data em diante, um número cada vez maior de turistas estrangeiros passou a viajar para o Japão, e tornou-se comum publicar algo sobre a visita a este paraíso remoto⁴.

Concentrar-me-ei aqui na análise do texto de *A Lady's Visit* e não na recepção que o livro teve aquando da sua publicação. Tal como a maioria das narrativas de viagens, *A Lady's Visit* de Anna D'Almeida procura documentar a experiência da autora durante um curto período de tempo, em vez de proceder a uma descrição científica da cultura ou da história de um país, tal como ela afirma no Prefácio. As descrições de viagens a países remotos não eram naturalmente destinadas a uma leitura científica, eram antes relatos de experiências pessoais e deviam ser interpretadas como tal. Anna escreve sobre os sítios que visitou e as pessoas que conheceu durante as suas breves excursões, reflectindo assim a natureza externa dos contactos interculturais estabelecidos. A sua falta de conhecimento das línguas locais dificultou bastante a aquisição de informação credível sobre as diferentes sociedades e culturas, forçando-a a retirar conclusões imediatas daquilo que ouvia, lia ou via. No Japão, isso tornou-se ainda mais difícil pelo facto de as viagens ao interior do país estarem proibidas. As suas visitas restringiram-se assim aos poucos portos abertos aos ocidentais. Desta forma, os conhecimentos evidenciados por Anna tinham que se fundamentar mais nos escritos de anteriores visitantes, do que no seu próprio contacto com as populações locais.

Quem foi Anna D'Almeida, a viajante que publicou o seu trabalho sob o pseudónimo de Anna D'A., nunca mencionando o seu nome completo uma única vez

2. Yanaga, Chitoshi. *Japan since Perry*. Hamden: Connecticut, Archon, 1966, pp. 25-6.

3. Embora as cartas sobre o Japão escritas pelo missionário português Francisco Xavier em meados do século XVI fossem conhecidas em Inglaterra, é de duvidar que estes escritos católicos fossem uma leitura popular entre as mulheres da alta sociedade vitoriana, numa Inglaterra fortemente protestante.

4. Em 1862 – ano da visita de Anna D'Almeida – houve, pela primeira vez, uma secção própria para o Japão na Exposição Internacional de Londres. A Exposição Universal de 1867, em Paris, marcou uma mudança importante no comércio com o Japão e, pela primeira vez, este país participou de forma independente. Motivos japoneses, como leques, biombos, sombrinhas e quimonos, multiplicaram-se a partir da década de 1860. O entusiasmo pelo japonês era tal, que toda a dama da sociedade tinha o seu 'salão japonês', e os recém-criados grandes armazéns incluíam uma secção japonesa nos seus catálogos (ver Briggs, Asa. *Victorian Things*. Londres: B.T. Batsford, 1988, p. 278). No entanto, D'Almeida fica surpreendida ao constatar que, em Yokohama, todas as casas europeias estavam rodeadas de paliçadas de madeira "which, in case of any sudden attack, serve as a temporary defence" (234), contradizendo de alguma maneira a imagem deste paraíso pacífico e amigável.

ao longo das 297 páginas da narrativa? Tal como muitos visitantes ocidentais na Ásia – especialmente mulheres – os autores de livros de viagens ficaram na história como tendo publicado apenas um trabalho e é muito difícil encontrar informações biográficas sobre eles. Como alguns escritores usavam apenas a inicial do seu primeiro nome, até mesmo determinar o sexo destes autores semi-anónimos se torna, por vezes, difícil. No caso das mulheres viajantes, pouco ou nada se conhece das suas vidas; tudo o que resta é a própria literatura. Em *A Lady's Visit*, a pista inicial para a identidade da autora foi fornecida pela própria ficha bibliográfica. É evidente que os D'Almeida são uma família anglo-portuguesa por via masculina. A fervorosa protestante Anna adopta o nome português do marido, mas ignora a língua portuguesa e não demonstra qualquer simpatia pela religião católica. A ilustração que antecede o frontispício oferece outra pista que liga a família a Bath, em Somerset: Anna afirma que a imagem de “the bay and part of the town of Nagasaki (...) is from a sketch taken on the spot by my husband, and finished by Mr. Benjamin Barker, of Bath” (viii). Posterior pesquisa geneológica em diversas bases de dados anglo-americanas, permitiu desvendar por fim a biografia de Anna Harriette Pennington (D'Almeida)⁵.

Nascida em 1836, em Whitehaven, Cumberland, Inglaterra, Anna foi um dos oito filhos de Rowland e Georgiana (Welles) Pennington. O seu pai era um rico oficial da carreira militar; a mãe era descendente de uma longa linhagem de aristocracia terratenente e pequena nobreza de Lincolnshire. Algures entre 1861, quando foi efectuado o Censo de Inglaterra, e antes de 1868, quando o pai faleceu, a família havia-se mudado para Bath, onde residiam em Green Park, uma abastada zona residencial muito na moda⁶. William Barrington D'Almeida nasceu em 1841, em Singapura, um dos três filhos de Joaquim e Rosa Maria (Barrington) D'Almeida. O seu avô, um fidalgo português de Viseu, Portugal, havia viajado para o Extremo Oriente, primeiro para Macau e depois para Singapura, onde faleceu em 1850. Os seus pais casaram em Calcutá. William era cidadão britânico, nacionalidade sem dúvida adquirida pelo seu nascimento em Singapura⁷.

Anna e William casaram a 17 de Abril de 1860, em Henley, Oxfordshire. A sua primeira filha, a menina que os acompanhou na viagem pelo Extremo Oriente, Rose A. G., nasceu em 1861, em Paris. Tiveram mais dois filhos, nascidos após o regresso da viagem: Lillian Augusta, nascida em Março de 1863 em Bath, e Marmion Barrington, nascido em 1865 em Kingston-upon-Thames, Surrey⁸. Anna faleceu a 12 de Maio de 1866, com 30 anos, em Kingston-upon-Thames, Surrey, poucos meses após o nascimento do filho. Embora no registo da morte de Anna conste a idade de 25 anos, o que indicaria 1841 como sendo o ano do seu nascimento, é muito provável que ela tenha mentido sobre a sua verdadeira idade, de maneira a não revelar que era de facto cinco anos mais velha do que o marido, uma prática frequente na época

5. Os mais sinceros agradecimentos a Magdalena Gorell Guimaraens, pela minuciosa pesquisa geneológica com que contribuiu espontaneamente para este artigo.

6. Fontes: 1871 England Census; British Army Records of Birth; 1851 England Census; Anchorage Withner Tree; Great Western Railway Shareholders 1835-1910 Records, vol. 9, folio 166, entry 9565.

7. Anchorage Withner Tree; 1871, 1881, 1891 England Census.

8. Fontes: GRO record: D'ALMEIDA William Barrington, Henley, vol. 3a, p. 686a; Anchorage Withner Tree; 1871, 1881, 1891, 1901 England Census; GRO record: D'ALMEIDA Lilian Augusta, Bath, vol. 5c, p. 233; GRO record: D'ALMEIDA Marmion, Kingston, vol. 2a, p. 233.

vitoriana. Presume-se que durante o seu casamento usufruíram de vastos meios de subsistência, dado que não se conhece qualquer profissão para William, anterior à morte de Anna. William, agora viúvo, foi com os filhos viver com a sogra em Bath, onde está registado como estudante de Direito. Algum tempo depois mudou-se para Londres, deixando os filhos de Anna com a sua avó viúva, e aí teve um filho e uma filha, possivelmente de Charlotte Crockford, com quem casou em 1882. Em 1891, William ficou de novo viúvo e passou a viver com a sua filha mais velha, Rose, e os seus dois filhos mais novos, em Chelsea, onde morreu em 1897, com 56 anos de idade. Rose permaneceu solteira até à morte do pai, casando apenas em 1907⁹.

Género e Narrativas de Viagem

A Lady's Visit abre com uma dedicatória auto-depreciativa, devidamente dirigida ao (i.e. aprovada por) marido da autora: "To thee, who hast aided me in my toils, and so kindly smoothed every difficult path and rugged step, is dedicated this little work by thy loving and faithful wife, Anna". Na mesma linha, o Prefácio chama a atenção para a simplicidade do seu propósito ao escrever esta narrativa, quando Anna enfatiza que o livro é apenas um mero divertimento. Utiliza a metáfora de "a little bark, adapted only for a summer sea (...) a pleasure sail" sem "the results of scientific research, or tedious disquisitions on the ethnology and early history of the country". Promete "sketches" e "amusing anecdotes" sobre "the peculiar race inhabiting these distant islands". Prevalece o critério racial, assim como o preconceito que leva Anna a ver 'o outro' como "amusing anecdote". Anna afirma evitar todas as alusões relativas a questões políticas, "not having sufficient confidence in the correctness of my own judgement to justify me in assuming the office of a public instructor". Do mesmo modo, o súbito epílogo em Hong Kong: "And now, gentle readers, my work is done. Trusting that it has at least succeeded in whiling away a portion of your time, if it has proved a means neither of instruction nor of information, I will lay my pen aside and, making my exit from your mind, say Adieu!" (297) está de acordo com a convenção de que uma mulher (especialmente uma 'senhora') nunca instrui o público, apenas entretém um círculo restrito, que aceitou tacitamente as suas limitações. No entanto, e como veremos, a declaração de intenções de Anna entra em evidente contradição com o conteúdo geral do livro.

Na realidade, o Prefácio, é um pró-forma, um *captatio benevolentiae*, uma declaração de intenções comumente considerada aceitável para uma mulher escritora, concebida para acompanhar a "fiel" dedicatória ao marido, que torna o livro apropriado e adequado a uma honrada "senhora". A legenda da imagem central do frontispício (e existem apenas duas imagens em todo o livro¹⁰) estabelece um curioso contraste com a *Lady* do título: retrata "A Japanese 'Tea-House' Girl" (nem mulher, nem senhora), cujas aspas são usadas para evitar a chocante palavra "bordel".

9. Fontes: Anchorage Withner Tree; GRO record: D'ALMEIDA Anna H., age 25, Kingston, vol. 2a, p. 154; 1871 England Census; 1881 England Census; GRO Record: D'ALMEIDA William Barrington, St. Giles, vol. 1b p. 997; 1891 England Census; GRO record: D'ALMEIDA William B., age 56, Chelsea, vol. 1a, p. 285; GRO record: D'ALMEIDA Rose Anna G., Kensington, vol. 2a, p. 233.

10. Ainda que fosse comum para as mulheres viajantes vitorianas ilustrar os seus escritos com esboços e fotografias que elas próprias criavam ou encomendavam. Utilizo aqui o termo "vitoriano" não só para fazer referência ao reinado da Rainha Vitória (1837-1901) mas também para descrever determinados valores e crenças que foram cristalizados naquele período.

A proliferação de narrativas de viagem britânicas na época vitoriana prova que o turismo providenciou um território onde até mesmo os não-autores não hesitaram em aventurar-se. Títulos como *Glimpses*, *Sketches*, *Impressions*, *Notes*, *Diaries*, *Wanderings* e *Travels* sugerem um tom informal que, no caso das mulheres, podia servir também como defesa contra a comparação com os grandes escritores masculinos, como Byron, Goethe, Flaubert ou Chateaubriand. Subjacente a este facto, existe o eterno conflito entre a viagem de lazer (onde a escrita de uma mulher seria considerada fútil e insignificante) e o desejo de partilhar experiências, factos e de instruir o leitor (onde a escrita de uma mulher seria considerada demasiado séria e intelectualmente pouco feminina). Uma forma de a mulher-autora resolver este conflito era antecipar-se a qualquer crítica possível, adoptando uma postura apaziguadora e humilde. Embora não estivessem limitadas às narrativas de viagem, e apesar dos progressos na emancipação social, as mulheres viajantes vitorianas assumiram de tal forma uma atitude autodepreciativa, que esta quase se tornou na regra para a escrita feminina em geral¹¹.

A transição do *grand tour* canónico para o turismo moderno introduziu um novo tipo de viajante, a mulher vitoriana de classe média, que viajava não só com a família, mas também – e muitas vezes – sozinha ou acompanhada de uma amiga. O turismo podia ser libertador para a mulher inglesa em muitos aspectos, pois dava-lhe a oportunidade de escapar às tarefas domésticas do dia-a-dia e de atravessar as fronteiras tradicionalmente estabelecidas. Viajar tornou-se numa das esferas públicas onde “women could experience some freedom of mobility and also create a space for aesthetic expression”¹². Embora a sua contribuição não tenha sido reconhecida até muito recentemente, muitas mulheres escreveram relatos das suas viagens pelo Extremo Oriente, obras que circularam e foram lidas aquando da sua publicação, mas que raramente foram reimpressas. Nos seus relatos, descrevem-se a si mesmas como viajantes, ocasionalmente como líderes, enfatizando os seus feitos e os perigos que correram.

Com efeito, Anna retrata-se vezes sem conta como sendo uma viajante intrépida e experiente, orgulhosa de ser “bom marinheiro” (5), capaz de comparar os barcos orientais com os seus congéneres europeus, enquanto tece comentários técnicos sobre os diferentes tipos de embarcações nativas que observa na viagem para Manila (12) e Nagasaki (185). Para relevar os riscos que enfrentou, Anna descreve o ataque rebelde presenciado em Xangai (134), a doença de que ela e o marido padeceram

11. A subordinação estrutural das mulheres reflectida na cena literária é evidente na auto e hetero-depreciação das mulheres enquanto autoras ou ‘detentores de autoridade’. Uma das linhas de pensamento mais comuns, que reflecte tanto esta subserviência como o medo de ser diferente, é o temor de parecer ridícula, que a jovem viajante portuguesa Isabel Tamagnini também expressa no seu *Diário de uma Viagem a Timor* (1882-1883): “Estive em dúvida se havia de pôr isto aqui receando que por um acaso pudesse alguém ler estas linhas e dizer lá de si para si, olha como ella é tola! Mas como tenho quasi a certeza que isto não há-de acontecer e como só faço este jornal para mais tarde me divertir a lê-lo às minhas primas e íntimas amigas, a quem prometti contar tudo, tudo o que se passasse durante a minha viagem, resolvi-me a contar aqui este notabilíssimo acontecimento” (Tamagnini, Isabel Pinto da França. *Diário de uma Viagem a Timor* (1882-1883). Lisboa: CEPESA, 2002, p. 48). Como este diário está destinado a não ser mais do que um “divertimento” trivial, a compartilhar com um restrito público feminino e familiar, Isabel Tamagnini é salvaguardada do ridículo inerente à mulher-autora. Ao admitir que as suas ambições literárias não se estendem para lá da esfera doméstica, Tamagnini justifica e absolve um texto que permanece francamente contido dentro dos limites que estavam estabelecidos para as mulheres.

12. Löfgren, Orvar. *On Holiday. A History of Vacating*. Berkeley: University of California Press, 2002, p. 100.

na viagem para Hong Kong (99) e Nagasaki (181) e o tufão mortífero em Macau e Hong Kong. Os capítulos sobre as Filipinas contêm a narrativa de uma longa excursão pelo país: partindo de Manila, Anna, o seu marido, a filha e uma pequena comitiva de amigos viajam durante dias em canoas nativas, pernoitam em cabanas, sofrem um grave acidente no qual Anna fica ferida, escapam de bandidos, visitam vulcões e caçam no meio da natureza virgem, apenas para enumerar algumas das suas aventuras mais ou menos fantasiadas. Ao longo destes episódios, Anna tem o cuidado de adoptar um tom heróico e estóico: “But what benefit could we derive from murmuring against the will of Providence?” (181), escreve. Devemos, contudo, ter em atenção que, muito embora as condições de viagem fossem em larga medida determinadas mais pelas convenções de hospitalidade numa determinada região do que pelos padrões e expectativas dos viajantes, a família D’Almeida e seus amigos eram viajantes privilegiados. Gozaram da hospitalidade do Barão de C. na sua mansão em Macau, do Cônsul Britânico em Nagasaki e de um influente mercador português em Hong Kong; adquiriram também vastas quantidades de fina porcelana na China e no Japão, que enviam por barco para Inglaterra. Na realidade, ao considerarmos qualquer narrativa de viagens feminina no Oriente do século XIX, verificamos que se refere invariavelmente às classes mais altas da sociedade, pois as senhoras vitorianas que viajavam eram necessariamente senhoras de posses, a maioria ligada – através do matrimónio – ao mundo da política e dos negócios.

Basta ler os primeiros capítulos desta peculiar *Lady's Visit* para concluir que as descrições de Anna são de facto bastante mais precisas e documentadas – apesar de muito “I heard say” e de fontes não referenciadas – do que ela prometera no Prefácio. Para além disso, o relato revela um surpreendente leque alargado de interesses. Por exemplo, Anna faz uma descrição detalhada de Manila, que contém muitos factos objectivos e quantitativos, montantes de dinheiro, e pormenores históricos, administrativos e lendários. Cita notas tiradas pelo marido durante uma visita aos aquartelamentos do exército e à prisão local e mostra um interesse considerável pelos processos e técnicas de manufactura de charutos e açúcar, e pela economia e indústria em geral. Previsivelmente, enquanto agente da ‘civilização britânica’ e representante orgulhosa da pátria da revolução industrial, Anna compara e louva as vantagens dos métodos industriais europeus. Uma vez mais, ao contrário do que prometera no Prefácio, esta ‘senhora-autora’ também exprime fortes opiniões sobre política, governação, religião e justiça social nas Filipinas (governada pela Espanha católica) e critica severamente a estagnação da administração portuguesa de Macau, quando comparada com a administração britânica de Hong Kong (109)¹³. Protegida por uma dedicatória apropriada, um prefácio modesto, um respeitável estado civil e pela permanente presença do marido, Anna não receia utilizar a escrita para revelar as suas opiniões sobre assuntos tradicionalmente reservados aos homens.

Outros exemplos de descrições detalhadas e de um vasto âmbito de informação incluem a excursão ao sul de Luzon e as suas cuidadosas notas e citações sobre

13. Anna faz um comentário semelhante sobre o governo espanhol das Filipinas: “The indolence of the natives, who are naturally very inactive and lethargic, and being governed by a people not by any means energetic themselves, there is nothing to spur them on to a greater state of activity” (73).

natureza, geografia, vulcanologia e história; a longa e pormenorizada biografia de Luis de Camões, em Macau; as notas sobre botânica em Nagasaki, com um pequeno glossário; a descrição *in loco* de uma casa de ópio em Xangai, das lojas de sedas e casas de pasto “desta estranha terra” (147); a sua admiração pela língua Japonesa; a visita a uma manufatura de chá, a um mercador de sedas e a uma loja de objectos lacados em Nagasaki; os comentários precisos sobre a importância comercial das cidades japonesas ainda fechadas aos estrangeiros; a descrição da exposição de figuras de barro chinesas durante o festival das lanternas em Hong Kong (295), entre muitos outros. Revelando ao mesmo tempo interesse e capacidade de percepção, Anna salta de assunto em assunto enquanto viaja e testemunha os vários tópicos que motivam a sua escrita.

Viajantes e Turistas

Apesar da falta de contextualização tanto da viagem como da narrativa (que começa *in media res* e termina num abrupto “adieu”), os dados biográficos de Anna sugerem que a razão subjacente à viagem dos D’Almeida poderá ter sido uma visita às origens familiares do seu marido no Extremo Oriente. Desta extensa família, vários membros estavam já a viver em Inglaterra em 1861 ou iriam mudar-se em breve para os Estados Unidos¹⁴. A falta de informação biográfica detalhada acerca do jovem casal torna difícil classificar Anna como sendo uma viajante veterana, quando comparada com uma mera turista, no presente sentido derogatório da palavra. Oriundos de famílias com bons meios financeiros, o casal terá partido numa lua-de-mel prolongada pela Europa, brevemente interrompida em 1861 pelo nascimento da filha Rose, em Paris, antes de prosseguirem em direcção ao Oriente. Presume-se que *A Lady’s Visit* seja a narrativa de apenas parte de uma viagem mais vasta e já em curso pelo Extremo Oriente, durante a qual a autora terá adquirido os seus conhecimentos.

A comprovar que Anna, com apenas 26 anos de idade (na realidade), era já uma viajante veterana, temos as suas múltiplas descrições detalhadas e comparativas, que indicam que ela viajara já, não apenas pela Europa e pelo Mediterrâneo, mas também pela Índia e pela Ásia. Principalmente no início da narrativa, Anna tende a fazer muitas comparações com a Índia, recordando talvez anteriores viagens ou experiências recentes. Ao descrever os pormenores dos palanquins, ruas e lojas, ela compara facilmente Hong Kong com Calcutá e Malta. No seu relato da “agradável excursão familiar” (“pleasant little excursion”) ao “Pico” em Hong Kong, Anna compara esta expedição, com alguma ironia, aos destinos da moda na Europa, nomeadamente “the mountains of Switzerland or Savoy, the Montanvert in Chamouni [Chamonix], the Mer de Glace, or the Pyramid in Egypt” (9).

14. Joaquim (1811-1890), pai de William, nasceu em Macau, viveu em Singapura e morreu em Londres. Embora não existam datas para o seu tio José (residente em Singapura e provavelmente também nascido em Macau), em 1861, as suas seis filhas viviam em Inglaterra com o tio e tia maternos, Reverendo Benjamin Lucas e Harriet Watson. Quanto ao seu tio António, também nascido em Macau e residente em Singapura, a sua filha Maria Petronella casou com Paul Felloes de Singapura e foram viver para Portland, Oregon, E.U.A. O seu filho Edgar, que também nasceu em Singapura, casou com a filha de Anna e William, Lillian, em Chicago, Illinois, e foram viver para o Oregon e, posteriormente, para a Califórnia.

Apesar da renitência de Anna em fornecer detalhes biográficos, ela não hesita em revelar que já desceu à cratera de um vulcão em Java (84) e visitou os Alpes e os Pirinéus (231), concluindo que a Ásia é muito superior à Europa em beleza natural e paisagens. Para além disso, Anna parece muito habituada e compreensiva em relação a práticas culturais diferentes das suas. Em Manila, por exemplo, repara sem grande surpresa ou crítica que muitas mulheres usam mantilha, embora a maioria ande “with neither bonnet nor hat for the evening promenae, but, like the Dutch ladies in Java, prefer thoroughly to enjoy the fresh air” (14), e também que “The native women all smoke, and so do much of the mestizos openly, and I think I am right in saying many Spanish dames enjoy quietly their cigar or cigarette” (97). Em muitas ocasiões, Anna descreve os vestidos e acessórios femininos, louvando as diferenças e a adaptação nativa às condições do clima local. Contudo, a sua tolerância tem limites, quando – previsivelmente – considera a nudez um sinal de selvajaria, como nos seus comentários sobre os índios Igorroté, “I believe the more savage of this extraordinary people wear no clothing whatever [...] only the more civilized of the women wearing a kind of loose dress” (48), ou no seu horror aquando do episódio dos banhos de vapor em Nagasaki, onde inesperadamente presencia “men and women bathing in puris naturalibus” (209). Contudo, e contrariamente ao que poderíamos concluir de uma abordagem tendenciosa a um livro intitulado *A Lady's Visit*, o vestuário feminino e as questões de moralidade não são de todo o foco principal da atenção de Anna. Por último, é importante salientar que, contrariamente aos viajantes masculinos, as mulheres eram constantemente objecto da curiosidade local, tornando-se elas próprias ‘atracções’, expostas aos olhares e ao escrutínio dos nativos que, ironicamente, eram o objecto de estudo dos viajantes: “As but few ladies walk in this dirty part of the town [Xangai], I was evidently regarded in the light of a ‘curio’. Numbers followed our footsteps, and at each halt we made, crowds gathered round us, as though they had come purposely to see a ‘sight’” (146).

Esta última palavra – “vista” (“sight”) – serve para introduzir o outro lado da experiência de viagem de Anna. Durante os séculos XVII e XVIII, o *grand tour* era uma forma de turismo educacional, especialmente dirigida aos jovens britânicos abastados da alta sociedade, que seguiam um itinerário padronizado através de destinos culturais específicos na Europa, onde eram expostos às antiguidades clássicas e ao legado da cultura renascentista. O *grand tour* era uma viagem educativa altamente sofisticada e com objectivos precisos, por parte de um grupo social de elite, organizada em torno da busca do saber e do convívio intercultural. No final do século XVIII, o foco das viagens na Europa transitou da busca escolástica para o prazer visual, do ouvido do viajante para o olhar do viajante¹⁵. A década de 1830 produziu um sujeito observador que era, ao mesmo tempo, um produto e um representante da modernidade no século XIX¹⁶. Quando Thomas Cook e outros começaram a organizar viagens pela Europa, oferecendo um contexto respeitável para que “as senhoras de bem” pudessem também viajar, tornou-se moda entre

15. Adler, J. “Origins of Sightseeing”. *Annals of Tourism Research*, 16 (1989): 7 e 22.

16. Crary, J. *Techniques of the Observer*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1990, p. 9.

as mulheres participarem nessas excursões. Daqui em diante, a 'vista' tornou-se altamente significativa para a organização do discurso do turista e da viagem. Na maior parte desses discursos, há uma ênfase especial em ver e colecionar vistas. Expressões do dia-a-dia como 'seeing the sights', 'capturing the view', 'eye-catching scenery', 'picturesque village' e 'pretty panorama' ilustram o significado que a visão tinha para o viajante. Em *A Lady's Visit*, por exemplo, Anna escreve: "Those amongst us who loved the picturesque were particularly struck by the fine bold-looking appearance of the rock or island of Taychow" (129); "The most lovely view it is possible to imagine lay before us like a panorama" (218); "This harbour is excessively pretty, the hills around very woody, and the country bright and green" (269). A narrativa e a prática de colecionar vistas acabam por dominar o próprio itinerário das viagens, frequentemente organizadas de modo a possibilitar a contemplação de paisagens espectaculares¹⁷. A experiência da beleza, captada através do sentido da visão, foi valorizada pelo seu significado espiritual para o turista culto. Na sua transformação estética, a observação de paisagens tornou-se uma actividade apaixonada de busca pelo sublime em paisagens exóticas. A importância da paisagem e da sua observação na viagem de Anna é igualmente evidente na passagem: "But to return to our view. The mountains of Maculot and Sungal are the loftiest to be seen, but numbers of smaller ones and verdure-clad hills are to be seen on all sides, with here and there herds of cattle grazing on the rich fields, or village hamlets embosomed in tufted trees" (85-6). Ao chegar ao porto de Nagasaki, Anna declara que a ilha de Nasuzima, coberta de árvores com uma folhagem brilhante e variada, é muito pitoresca, e que as velas dos pequenos barcos eram "muito singulares e algo pitorescas" (184-5). Apesar disso, a beleza da paisagem é rapidamente arruinada pela "repugnante" ("disgusting") visão da pele dos marinheiros (embora "almost as fair as that of the Europeans"), "lending no additional charm to the surrounding scene, but rather forming an eyesore one would gladly dispense with" (185). Podemos concluir que o nativo é um elemento dispensável da paisagem, que só deveria existir para o deleite do visitante europeu. Esta visão "terrível" contrasta com o "picturesque tableau" (236) dos nativos (decentemente vestidos?), tratando ordeiramente dos seus afazeres quotidianos, na região de Kanazawa, com a beleza natural como pano de fundo.

Em última análise, esta percepção e apreciação da paisagem tende a ser reforçada por uma agenda que tem tanto de ética como de estética. Esta versão particular da própria materialidade da paisagem, que é expressa pelo visitante ocidental de elite, nunca está livre de juízos de valor. Vem sempre acompanhada por uma série de suposições e implicações, geradas por padrões culturais e por preconceitos sociais, religiosos e raciais. No caso de Anna, as diferenças na percepção parecem ser minimamente baseadas no género, uma vez que os papéis sexuais são menos evidentes entre os membros da alta sociedade cosmopolita. O estatuto artificial ou arbitrário magnanimamente atribuído aos objectos e imagens privilegiados marginaliza tudo aquilo que não está de acordo com os referidos padrões. O processo de 'civilização', através do qual os turistas ocidentais tentam dominar um país desconhecido,

17. Rojek, Chris; Urry, John (eds.). *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2002, pp. 178-180.

SOBRE OS AUTORES

Clara Sarmento

Professora Coordenadora no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto, onde dirige o Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas. Investigadora, autora e coordenadora do Centro de Estudos Interculturais. Doutorada em Cultura Portuguesa pela Universidade do Porto. Vencedora do “American Club of Lisbon Award for Academic Merit” e do Prémio CES 2007 para Jovens Cientistas Sociais de Língua Oficial Portuguesa.

Dalila Silva Lopes

Professora Coordenadora e Presidente do Conselho Técnico-Científico do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto. Investigadora do Centro de Estudos Interculturais. Doutorada em Linguística Aplicada pela Universidade do Minho.

Elsa Simões Lucas Freitas

Professora Associada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa. Doutorada em Linguística (Discurso da Publicidade), Mestre em Estudos Anglo-Americanos, investigadora e autora.

João de Mancelos

Doutorado em Literatura Norte-Americana, escritor e especialista em Escrita Criativa e Estudos Fílmicos. Elabora pós-doutoramento em Estudos Literários na Universidade de Aveiro, sobre a influência de poetas de língua inglesa na obra de Eugénio de Andrade.

Lúcio Sousa

Professor Auxiliar no Departamento de Ciências Sociais e Gestão da Universidade Aberta. Doutorando em Antropologia Social na Universidade Aberta. Membro do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) e colaborador do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT).

Paulo Castro Seixas

Doutorado em Antropologia Social e Agregado em Sociologia, é Professor Associado na Universidade Técnica de Lisboa (ISCSP). Autor e coordenador de diversos projectos científicos, desenvolve investigação em Timor-Leste desde o ano 2000.

Luís Vale

Docente, autor e mestrando em Antropologia, tem dedicado à região transmontana parte da sua investigação, com especial interesse pelas questões da identidade, da religiosidade popular, do jogo e do género.

Jorge Morais Sarmiento

Licenciado em Antropologia e Mestrando em Estudos Culturais, ramo de Antropologia, na Universidade Fernando Pessoa. Docente e especialista em Informática, dedica-se à aplicação da Antropologia às Tecnologias de Informação.

Pedro Martins

Pós-graduado em Língua e Cultura Portuguesa (Universidade de Lisboa); Licenciado em Línguas e Culturas do Mundo Moderno (Universidade de Roma “La Sapienza”) e em Direito (Universidade de Lisboa). Consultor, tradutor e docente de Língua e Cultura Portuguesa na Universidade de Siena, Itália.

Pedro Silva Sena

Doutorando do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigador do Centro de Estudos de Antropologia Social/Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

Maria Zulmira Castanheira

Professora Auxiliar da Secção de Estudos Ingleses e Norte-Americanos do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com doutoramento sobre as relações histórico-culturais entre Portugal e a Grã-Bretanha. Investigadora do Centro de Estudos Anglo-Portugueses.

Alcindo Costa

Professor, investigador e Mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora.

Aone van Engelenhoven

Doutorado em Linguística pela Universidade de Leiden, onde lecciona Linguística Austronésia, Língua Indonésia e Antropologia Linguística do Sudeste Asiático Insular. É membro do Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste, em Dili.

Chris Gerry

Tradutor e Professor Catedrático no Departamento de Economia, Sociologia e Gestão da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Doutorado em Economia pela Universidade de Leeds, Inglaterra. Realizou investigação na Colômbia, Moçambique, Quênia e Chade. Membro do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento da UTAD.

José Eduardo Reis

Tradutor e Professor Associado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Investigador do Instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras do Porto (projecto “Utopias literárias e pensamento utópico: a cultura portuguesa e a tradição intelectual do ocidente”). Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Cristina Ferreira Pinto

Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Investigadora do Centro de Estudos Interculturais. Doutorada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Literaturas Africanas de Língua Inglesa, Francesa e Portuguesa.

Katrin Herget

Especializada em Tradução Técnica pela Universidade de Leipzig e Doutorada em Tradução e Linguística. Professora na Universidade de Aveiro.

Manuela Veloso

Professora Adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Investigadora no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutorada pela Universidade do Minho em Ciências da Literatura, com uma tese sobre Poéticas Visuais e Textuais no Vorticismo e no Expressionismo.

Monica Rector

Professora na Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill, Estados Unidos da América. Doutorada em Literatura Hispânica pela Universidade de São Paulo, Brasil.

Maria Otília Pereira Lage

Mestre e Doutora em História, pela Universidade do Minho. Directora dos Serviços de Documentação do Instituto Politécnico do Porto, docente na Universidade Lusófona e investigadora do CITCEM, Universidade do Porto. Prepara pós-doutoramento em Sociologia Histórica.

Teresa Alegre

Docente do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Desenvolve investigação no âmbito da Tradução e Terminologia, Didáctica das Línguas Estrangeiras e Linguística Contrastiva.

Tom Grigg

Pós-Graduado pela University of Hawaii at Manoa, Estados Unidos da América. Vive e ensina em Portugal desde 1986. Professor no Mestrado em Ensino de Inglês da Universidade de Lisboa.

Deolinda Aparício Meira

Doutorada em Direito e Professora Adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Investigadora do Centro de Estudos Interculturais. Membro do conselho de redacção e coordenadora da secção “Actualidade cooperativa em Portugal” da *Revista Cooperativismo e Economia Social*.

Esfandiar Esfandi

Licenciado pela Sorbonne em Literatura e Cultura Francesa. Professor na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras e na Faculdade de Estudos Mundiais (World Studies) da Universidade de Teerão, Irão. Director de *The Plume*, revista de literatura e cultura francesa, e membro da redacção da *Revue de Téhéran*.

Afsaneh Pourmazaheri

Mestre em Estudos Culturais Franceses pela Faculdade de Estudos Mundiais (World Studies) da Universidade de Teerão, Irão. Membro da redacção da *Revue de Téhéran* e da *Iranica Analítica*. Investigadora em estudos comparados Franco-Persas, especialista em turismo cultural e docente de língua francesa.

Eugénia Rodrigues

Doutora em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Investigadora Auxiliar no Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Investigação Científica e Tropical.

José de Campos Amorim

Doutorado em Direito pela Universidade de Evry (Paris). Professor Coordenador de Direito Fiscal no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP). Investigador do Centro de Estudos Interculturais. Membro do Conselho Editorial da *Revista de Ciências Empresariais e Jurídicas* do ISCAP.

José Domingues de Almeida

Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Doutorado em Literatura Francesa Contemporânea.

José Manuel Pereira

Mestre e Doutorando em História Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente e investigador.

Luisa Verdelho Alves

Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Professora Adjunta do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Prepara Doutoramento.

Margarida Seixas

Professora da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, com pós-graduação em Legística e Ciência da Legislação, área em que prepara Doutoramento. Investigadora do Centro de Estudos Interculturais.

Maria de Deus Manso

Professora no Departamento de História da Universidade de Évora e Professora Visitante da Universidade de Macau. Doutorada em História pela Universidade de Évora. Investigadora do Centro Interdisciplinar de Estudos Políticos e Sociais.

Míriam Afonso Brigas

Mestre em Ciências Histórico-Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL), onde é doutoranda na área da História do Direito Privado. Professora na FDUL e na Academia Militar. Membro do Instituto de História do Direito e do Pensamento Político.

Susana Ribeiro

Directora do Departamento de Turismo da Câmara Municipal do Porto. Doutoranda em Turismo, Lazer e Cultura na Universidade de Coimbra, Mestre em Turismo e Desenvolvimento Regional pela Universidade Católica Portuguesa e Pós-graduada em Turismo e Património Religioso pela Universidade Católica Portuguesa. Investigadora do Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território das Universidades de Coimbra, Porto e Minho.

Diálogos Interculturais

Em *Diálogos Interculturais: Os Novos Rumos da Viagem*, interculturalidade é sinónimo de mobilidade, trânsito, dinâmica entre culturas. Este perpétuo movimento subjaz à partida e ao regresso da Viagem, à emissão e à recepção dos Diálogos, sem fronteiras espaciais nem temporais, numa tão perigosa quanto estimulante indefinição de limites.

Na interculturalidade contemporânea, (re)construem-se novas identidades, navega-se na internet e vulgariza-se a viagem para destinos cada vez menos exóticos porque cada vez mais acessíveis. A interculturalidade comodifica-se, funde-se no dia-a-dia, toma novos rumos. Novas vozes fazem ouvir-se no diálogo intercultural, como fontes de estudo até há pouco marginais: as vozes das mulheres; das histórias esquecidas num passado que foi tão intercultural como o presente (o que é o colonialismo senão uma interculturalidade perversa?); dos media globais; das narrativas orais; da ficção, da epistolografia e dos diários; da arte; das novas pedagogias e tecnologias. Mas esta polifonia de culturas é também passível de gerar novos conflitos, que transitam do extraordinário para o quotidiano comum.

Diálogos Interculturais: Os Novos Rumos da Viagem congrega autores de múltiplas nacionalidades e proveniências, cruzando temas por tradição estanques. De forma pouco usual, este livro ruma pelos campos do saber da Literatura, do Direito, da Comunicação, da Sociologia, da Didáctica e do Turismo, entre muitos outros, pois todas estas áreas fornecem textos passíveis de funcionar como roteiros para a viagem aqui proposta. Comprova-se assim a dinâmica de investigadores portugueses e estrangeiros, que não receiam partir para destinos ignorados, aspirando a criar novos mapas, para orientação de todos nós.

Visite-nos em
livraria.vidaeconomica.pt

www.vidaeconomica.pt

ISBN: 978-972-788-413-1

